



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Grafite, Cultura e Popular: Uma análise a partir da Folkcomunicação¹

Rodrigo PINHEIRO²

Adelson FERNANDO³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O grafite é um dos elementos que compõe a cultura hip-hop, nasceu nos EUA na década de 60, trazendo em seus traços a luta contra a segregação racial enfrentada pelos negros e latinos americanos que buscavam uma vida melhor naquele país, expressando sua voz, que muitas vezes era calado pelo medo do opressor. Pensando nisso foi elaborado uma pesquisa de campo, de cunho descritivo observacional, que usou como procedimento técnico de coleta de dados a etnografia, fazendo uma comparação dos discursos deixados nas mensagens dos grafites com a teoria da Folkcomunicação, analisando os mais diversos conhecimentos como forma comunicacional dos grafites expostos nas ruas de Parintins-AM. O resultado da pesquisa mostrou que o grafite, apesar de ser considerado como cultura artística brasileira, ainda vem sendo marginalizado pela sociedade parintinense, haja vista, isso torna muito mais difícil o entendimento dessa arte por parte de outros grupos sociais atrelados a cultura de massa que não entendem as mensagens estampadas no stencil e nas pichações, estereotipando cada vez esta arte que nasce em meio às ruas dessa cidade.

Palavras-chave: Grafite; Folkcomunicação; Jovens; Voz; Parintins-AM.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países que mais revela grafiteiro no mundo, porém essa pratica não é vista com bons olhos pela sociedade conservadora que acredita num ideal de padrão artístico. Pensando nas possibilidades de valorização do jovem artista cheio de grandes potencialidades, foi possível montar este trabalho que busca retratar a voz

¹ Trabalho apresentado no GP2: Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Estudante de Graduação do 2º Semestre do Curso de Pedagogia da UFAM, email: hiphopatos29@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Pedagogia do ICSEZ-UFAM, email: sociologoadelson@hotmail.com.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

desse jovem parintinense inserido nessa cultura popular marginalizada que é o grafite, embasado no discurso da teoria da Folkcomunicação de Luís Beltrão.

Para tanto, elaborou-se uma tessitura nos seguintes objetivos específicos: analisar o discurso dos sujeitos por meio de suas temáticas impostas nos grafites; fazer uma comparação desses discursos por meio de seus relatos nas entrevistas e logo em seguida analisar de forma sucinta os aspectos correlacionados nessa mensagem de acordo com a linha de pensamento da Teoria da Folkcomunicação. Sendo que não é possível pensar o grafite sem contextualizar sua história de luta contra a desigualdade racial e social vivenciada pelos povos que migravam para os Estados Unidos na grande crise econômica mundial na década de 20. Todos levaram consigo um pouco de sua cultura mãe, no qual se destacou como filho dessa hibridez “o hip-hop”, trazendo o grafite como fruto de seus valores artísticos (LEÃO, 2006).

O grafite pode ser atribuído a um grande contexto histórico do homem, no qual apoia-se nos desenhos denominados de pinturas rupestres encontrados nas paredes das cavernas, no qual o homem ancestral se comunicava com os demais por meio de seus desenhos. Logo em seguida designava um estilete para escrever nas placas feitas de cera, pois o termo grafite deriva do idioma italiano (graffito), que tem essência no latim *graphium* este termo surgiu no Império Romano para definir as inscrições feitas com nas paredes do império como protesto. (SCHULTZ, 2010)

Com o passar dos anos a palavra grafite passou a designar a arte de se expressar através de mensagens escritas ou desenhadas em lugares usualmente insólitos e públicos na década de 60, nos Estados Unidos, Nova York, no Bronx e Harlem já com o nome de grafite que luta a favor da classe marginalizada oprimida pelo governo da época. E nesse mesmo intuito se difunde pelo mundo com sua mensagem de luta junto aos movimentos sociais da juventude como diz Souza e Melo (2011, p.2) “época em que a nuvem do contraditório pairou sobre Praga, Woodstock, Paris e em outros focos, abrindo as portas para que novas facetas culturais germinassem a partir de choques, protestos e tintas”, até chegar ao Brasil em meados da década de 70 nas grandes metrópoles, nos muros, nos vagões de trens, nos viadutos e nas vias expressas. Porém continua, na maior parte dos casos, sendo uma arte marginalizada, e ganhando força



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

com artistas como Alex Vallauri, falecido no dia 27 de março de 1987, que foi homenageado com a data de sua morte comemorando o dia grafite em São Paulo. Além do artista outros nomes de grande importância como Carlos Matuk, John Howard, Waldemar Zaidler, Hudinilson Júnior, entre outros. (FERREIRA, 2011).

No Amazonas, especialmente em Parintins, chega junto com a eclosão do movimento hip-hop no ano 2014, com o grafiteiro Arley Fabricio o “Anjo 7”, que até hoje difunde seu estilo nas ruas da ilha Tupinambarana.

GRAFITE E PICHÃO: DIFERENTES SIGNIFICADOS MAIS A MESMA MENSAGEM

Muitos debates giram em torno desses movimentos artísticos, pois de um lado o grafite é desempenhado com qualidade artística, e do outro não passa de poluição visual e vandalismo. A pichação ou vandalismo é caracterizado pelo ato de escrever em muros, edifícios, monumentos e vias públicas (CRUZ; COSTA, 2008). É aí que entra a análise da mensagem, pois quando Beltrão (1980, p.39) define os grupos marginalizados como “um indivíduo à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente”, ou seja, a sociedade contemporânea hoje ainda vive a sobra do passado dos antigos estereótipos sobre a questão cultural.

Não é de hoje que estes termos são marginalizados pela sociedade e suas leis, conforme supracitado anteriormente que o império romano já punia quem fazia suas marcas nos templos e monumentos. Entretanto não procuravam saber o que realmente aquela classe estava reivindicando ou pensando, pois eram logo julgados submetidos às leis impostas pelo governo.

Muito tempo passou mais ainda restam os resquícios desse pensamento do passado, haja vista hoje mesmo ainda encontramos resistência em abordar tal temática no âmbito escolar, pois sabemos que ali convivem os protagonistas das mensagens que a escola deixa passar por despercebido, não dando importância alguma, mas que ali pode



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

contar a história e o sentimento daquele indivíduo, conforme explica Cruz e Costa (2008, p.102):

“Ao que tudo indica, a escola acaba ficando alheia a essas manifestações ao demonstrar preocupação com o ato ou o rito, meramente com a situação do proibitivo, deixando de lado a interpretação e intencionalidade da mensagem, inclusive sequer querendo questionar se está cumprindo ou não com sua função social enquanto orientadora comportamental e aliada no acompanhamento da educação familiar”.

Faltando para aquele aluno um incentivo na sua parte escrita calando a voz do aluno, tornando conforme os autores uma escrita morta, levando o aluno a não acreditar em si mesmo, tolhendo-o em um modelo de repetição e da cópia, desmotivando-o na parte que cabe ao ensino aprendizagem. (CRUZ; COSTA, 2008). Também não é diferente em outras instituições criadas pela sociedade, como por exemplo, a lei de proibição imposta pelo estado sobre o uso de grafite em repartições públicas vem ser um grande desafio encontrado pelos grafiteiros. O grafite nasceu nas ruas como forma de pichação onde as gangues demarcavam com suas TGS marcas seus territórios como forma de intimidar e mostrar seu poder de conquista, sendo que com o passar do tempo ele passou a expressar a luta do povo da periferia americana, junto aos desenhos que falavam da importância da cultura hip-hop para essa quebra de barreira de luta pela igualdade de direitos (GITAHY, 1999).

Nas repartições públicas como banheiros, praças, prédios abandonados, parada de ônibus, entre outros locais, encontram-se um grande número de mensagens no qual fazem parte da nossa cultura popular marginalizada pelo sistema capitalista vigente, que busca implantar normas e regras para padronizar o sujeito, levando-o para uma lógica individualista e não coletiva (COHN, 1986). Por isso adentramos no pensamento Gitahy (1999, p. 17-8), para entender as mensagens a partir das características da linguagem do grafite:

“Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

- Natureza gráfica e pictórica
 - Utilização, basicamente, de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista
 - Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art
 - Repetição de um mesmo estilo quando feito à mão livre.
- Conceituais:
- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero
 - Discute e denuncia valores sociais, políticos econômicos com muito humor e ironia
 - Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole
 - Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo
 - Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis”.

Por isso a importância de esclarecer e entender cada vez mais as mensagens trazidas pelos grafites e as pichações onde os mesmos são formadores de opinião, expondo por meio de suas produções as mazelas que a classe marginalizada sofre para fácil entendimento de seus membros e dos outros. Beltrão (2001, p. 69) fala que “essa conquista de liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador decodificar a mensagem ao nível de entendimento dos seus receptores”, sendo que o para o sujeito alienado passa por despercebido, aos olhos de um grafiteiro isso se transforma em frase ou desenho para ser visto a olho nu. Pensar na linguagem do grafite e da pichação é pensar nos problemas das cidades urbanas e das pessoas que nelas habitam, pois ali está implícito dentro de cada traço, sentimentos, palavras, conquistas, sonhos de crianças jovens, adultos e idosos, que lutam por seus direitos.

STÊNCEL COMO ARTE URBANA

Pensando no stêncil em uma lógica menos formal, vem ganhando espaço artes urbanas nos últimos tempos, trazendo um significado oposto do fundamento de sua criação. O stêncil (em inglês *stencil*) é uma técnica usada para imprimir uma imagem ou



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

mensagem tipográfica através da aplicação de tinta – geralmente aerossol – sob uma matriz de papel recortado. O mesmo foi criado na China no ano 105 d.C, junto a invenção do papel, ajudando a entalhar as formas, o desenho, a escrita, e outras coisas que se sentisse necessidade em reproduzir fielmente, vem ser uma técnica muito antiga esta ligada a xilogravura e a serigrafia. (GITAHY, 2017)

O stêncil também era uma forma de código no século XVII e XIII onde os ladroes usavam para se comunicar, pois haviam executado seus roubos com êxito e era uma forma de vangloria que usavam para espalhar a fama de seu trabalho para outros bandos que passavam pelas redondezas, todas as mensagens eram grafadas em forma de rabiscos de desenhos nas paredes das casas (CASTRO, 2012). Com o tempo a população se apossou do stencil para usa-lo com o fim de marketing para divulgar e estampa algum produto que queriam vender. Com a segunda guerra mundial o stêncil começou a ser usado como intervenção urbana para como uma forma de propaganda e impressão dos uniformes e armas dos soldados com o símbolo das nações (<http://desarte.com.br/blog>).

Um dos mais famosos por suas obras dentro do stêncil vem ser um artista inglês chamado Banksy, trazendo em suas obras o sarcasmo, crítica e provocação traduzidos em estênceis, instalações, pinturas e slogans que o artista já espalhou por todo o mundo divulgando seu trabalho (BANKSY, 2012). No Brasil o stêncil chega com várias finalidades um deles é atrelado ao movimento hip-hop junto ao grafite, que busca retratar a realidade do povo que vive a margem da sociedade, sem acesso a bens que lhe são de direito, trazendo a mensagem que são expostas nos muros pelos jovens grafiteiros das grandes e pequenas cidades (GITAHY, 1999).

No amazonas, na cidade de Parintins temos um dos principais representantes desse estilo que vem ser o artista Grafiteiro Arley o “Anjo 7” (estilo grafite) e o professor Josinaldo Matos (estilo stêncil), que trazem em sua bagagem estilos críticos e reflexivos, tratando das problemáticas que são enfrentadas no cotidiano parintinense. E nessa conjuntura Farar-se no tópico abaixo uma análise de suas obras, e de algumas pichações que são encontradas na cidade dentro da concepção de cultura popular



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

marginalizada da Folkcomunicação, as mensagens na linguagem do grafite e seus componentes (pichação, stêncil).

GRAFITE E PICHANÇA: EXPRESSÕES E SIGNIFICADOS

Para dar vida a sua mensagem por meio da linguagem é preciso uma série de requisitos, dentre eles os materiais utilizados pelos grafiteiros que vão desde tradicionais latas de spray até o látex, onde a nomenclatura é definida pelos participantes da cultura, por exemplo: Grafiteiro/writer: o artista que pinta; Bite: imitar o estilo de outro grafiteiro; Crew: é um conjunto de grafiteiros que se reúnem para pintar juntos; Tag: é assinatura de grafiteiro; Toy: é o grafiteiro iniciante; Spot: lugar onde é praticada a arte do grafite. (CRUZ; COSTA, 2008)

Para decifrar essas mensagens será preciso nos valermos do método etnográfico fazendo uma comparação entre a cultura do grafite com a teoria de Luiz de Beltrão que fala sobre a obra Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados, a relação entre os Estudos da Cultura Popular brasileira e a tradição midiocêntrica na Pesquisa em Comunicação, analisando as mensagens dos grafiteiros por meio das mídias como fotos de suas produções e entrevistas com os sujeitos. Abaixo temos uma produção do grafiteiro Arley Fabricio o “Anjo 7” que aborda sobre o grande preconceito que o grafite vem enfrentando hoje não só nessa cidade, mas em todo país.



A mulher com a boca costurada representa ser uma vítima a ser calada pela sociedade conservadora que acredita que o grafite não é “arte e sim vandalismo”, na mensagem ao lado deixada, é a de que o grafite jamais acabara durante os jovens e as



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

ruas existirem, com seu espírito reivindicador, trazendo de azul e verde a Tag assinatura em homenagem ao grafiteiro Robbo King que morreu fazendo o que mais gosta. No que tange ao pensamento citado, Cruz e Costa (2008) acreditam que o grafite é uma arte urbana riquíssima, pois traz uma bagagem riquíssima em conhecimento e informações que os nossos olhos tapados não conseguem enxergar. No mesmo ponto também acredita-se que as mensagens passadas por esses grupos marginalizados servem como análise crítica dessa relação de poder e empoderamento político cultural (BELTRÃO, 1980).



O grafite é uma manifestação cultural como qualquer outra arte, mas que como é mostrado no grafite acima “o grafiteiro tem que se esconder para não ser reprimido pela policia”. O cenário melhorou muito nestes últimos 20 anos, apesar de serem bastante reconhecidos fora do Brasil, ainda são marginalizados por aqui. Talvez pelo fato de as pessoas ainda possuírem o psicológico voltado a questão etnocêntrica do capitalismo, como afirma Costa, que:

“A invisibilidade pública é pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: *A humilhação social e a reificação*. De modo que a humilhação é expressa da desigualdade política indicando a exclusão intersubjetiva da classe dos mais pobres. Já o fenômeno de reificação configura como o processo pela qual, na sociedade industrial, o valor vem a apresentar-se a consciência dos homens como valor de toca, a contar primeiramente como mercadoria (Costa, 2004, p. 63-64).”

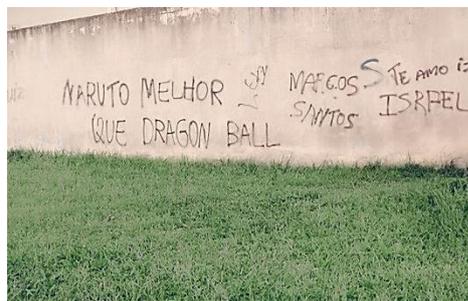
O artista retrata acima essa conjuntura, onde o grafiteiro tem que se esconder para realizar sua arte nas ruas para não ser preso pela polícia, vem ser uma censura



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

discutida por Luiz Beltrão em sua tese, pois o mesmo aborda sobre essa problemática que rondava a população nas décadas de 60 e 70. Talvez seja por isso ainda hoje vivemos os resquícios dessa massa opressora que marginalizava as classes menos favorecidas pelo sistema.

Agora faremos uma análise das mensagens expressas nas pichações abaixo no muro de uma instituição pública.



É notório julgar inicialmente a mensagem como algo de “vandalismo” por parte dos pichadores. Mas para Cruz e Costa (2008) os mesmos querem transmitir alguma mensagem para a sociedade que não os compreendem e não os vê, sendo eles invisíveis, trazendo em seus rabiscos frases dotadas de sentimentos e expressões humanas, no qual quer chamar atenção da sociedade, junto aos seus grupos sociais inseridos, imbricando uma mensagem televisiva de desenho animado, junto às declarações de jovens adolescentes que querem se declarar para o mundo o que estão sentindo, querendo que todo mundo saiba os mesmos também tem “voz e existem”, mas que são invisíveis até para a própria família. Pois segundo Beltrão (1980), esses jovens fazem parte dos grupos urbanos marginalizados são compreendidos por indivíduos da classe baixa, desempregados, ou geralmente em empregos ou subempregos, habitando em favelas nas construções populares de baixo ou nenhum custo em áreas periféricas dos centros urbanos.

Logo abaixo temos um grafite stêncil do artista Josinaldo Mattos, trazendo o boi-bumbá que vem ser uma cultura de subsistência aos olhos da população que veem a festa não como valorização cultural e sim como uma questão mercadológica onde todos já se preparam para ganhar a vida por meio da venda de produtos confeccionados a partir de suas temáticas, onde tudo funciona direitinho, saneamento básico, energia



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

elétrica, água potável, a saúde, segurança, e como diz o artista “é o melhor momento pra se adoecer”. Esquecendo os princípios em que foi fundada a cultura do povo parintinense.



A questão da cultura de massa se apropria de tudo, influenciando por meio da mídia e suas ideologias mercadológicas, deturpando valores e agregando seus princípios (BELTRÃO, 1972). E assim perde-se também personagens que fazem parte desse berço rico criativo que se sobressai a qualquer dificuldade, sendo um povo humilde e trabalhador, como observaremos nas obras abaixo do artista denominada “os invisíveis”.



Retrato da realidade parintinense que quase todo dia eram vistos nas ruas de Parintins e que hoje não se vê todo dia e sendo raramente os casos, pois não foram preservadas como patrimônio cultural desse povo, sofrendo marginalização, sendo cada



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

vez mais oprimidos pelo poder da cultura massificadora nas margens sociais (BELTRÃO, 1972).

Falando também dos artistas que cantam a música popular deste chão, o stencil abaixo aborda sobre a cultura parintinense mais não são valorizados como deveriam, sim trazem as chamadas “músicas descartáveis que tocam só uma vez e são esquecidas com o decorrer do tempo”. Observa-se na leitura do artista uma questão metodológica que vem ser muito discutida por Costa; Oliveira e Leite (2014, p116) chamam de “indústria cultural” toda “relação entre *mercado* e *cultura* aponta algumas transformações na contemporaneidade”.



“A coisificação promove nos bens culturais uma transformação destes em mercadorias, chamada de fetichismo. A consequência disso é a veneração autopromovida da cultura que aliena não só os seus produtores como também os seus consumidores” (COSTA; OLIVEIRA e LEITE, 2014, p.118). O homem não se reconhece naquilo que produz culturalmente, deixando de produzir e retratar sua verdadeira essência ficando a serviço do mercado como mão de obra produtora de bens de consumo (ADORNO, 1983).

Na foto a seguir, aborda a cultura que foi esquecida no tempo onde seus antepassados trouxeram para a comunidade da época denominada de “recanto das saudades”.





XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Esse contexto colocado pelo artista em suas obras se remete ao resgate de suas memórias do passado no qual vivera sua infância, trazendo para a geração futura tudo o que foram perdidas pelo tempo e não foi valorizado, todo esse contexto vem sendo discutido por Beltrão (1980), onde a cultura popular brasileira deixa de ser valorizada, sendo esquecida no tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os meandros entre a teoria da Folkcomunicação e as três expressões artísticas (grafite, pichação e stencil), podemos notar várias ligações dentro dos discursos deixados nas mensagens dos muros, dentre elas a de que há um apelo feito por esses jovens que são deixados à margem da sociedade, um deles é de visibilidade e valorização de sua cultura, pois aos olhos do atual cenário global que temos hoje, o grafite que tem em sua conjuntura a pichação e o stencil ainda não é reconhecido como uma arte e sim tido como uma cultura urbana marginalizada. Indo de encontro com a teoria de Luiz Beltrão, pois o autor analisa em sua tese os grupos urbanos marginalizados, e qual a relação entre vários setores públicos da sociedade como, habitação, saneamento básico, infraestrutura, educação, entre outros, dentro de seu aspecto cultural. Foi justamente essas implicações que os artistas trazem dentro do corpo de suas mensagens, pois os mesmos vem denunciar a falta de atenção à voz desses jovens que passam por despercebidos, invisíveis e discriminados, mas que olham o mundo ao redor com um senso crítico e acima de tudo dotado de sentidos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição. In: BENJAMIM, Walter et al. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ARAÚJO, M.S. **Muro + spray**: os jovens e os grafites de muros como produções estéticas críticas no ambiente urbano. Antropologia Cultural (PPGSA/IFCS/UFRJ). Florianópolis, SC. 2003. Disponível em: <www.ppgartes.uerj.br/marcelo_araujo>. Acesso em: 10 maio 2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

BANKSY. **Guerra e spray**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BANKSY. **Wall and piece**. Londres: Random House, 2005.

BELTRÃO, L.; QUIRINO, N. O. **Subsídios para uma teoria da comunicação**. São Paulo, Summus, 1986.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação – Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. (**tese de doutorado**), Brasília, Universidade de Brasília, EDIPUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. **Comunicação e Folclore**. São Paulo, Melhoramentos. 1971.

_____. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. Cortez, 1980.

_____. **Sociedade de massa: comunicação & literatura**, Petrópolis, Vozes, 1972.

CASTRO, F. G. **Fracasso do projeto de ser: burnout, existência e paradoxos do trabalho**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

COHN, G. Introdução sobre Max Weber. **In: COHN, G. (org.). Max Weber**. 3. ed. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 13, 1986.

CORNIANI, F.R. Rap: Uma manifestação folclórica urbana. **Revista brasileira de Comunicação**. São Paulo, 2008. Disponível em:<livros01.livrosgratis.com.br>. Acesso em: 09 fev. 2018.

COSTA, F. B. **Homens Invisíveis: Relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, A. S.; OLIVEIRA, I. G.; LEITE M. C. Um diálogo digital da Amazônia para o mundo: a indústria cultural 70 anos depois. **Rev. Cultura Midiática**, 115 Ano VII, n. 13 - jul-dez/2014 - ISSN 1983-5930.

CRUZ, D. M.; COSTA, M. T. **GRAFITE E PICHAÇÃO – QUE COMUNICAÇÃO É ESTA? LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112, jul. / dez. 2008.

CRUZ, D.M; COSTA, M.T. **Grafite e pichação – Que comunicação é esta? LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112. 2008. Disponível em: [www.periodicos.udesc.br>download](http://www.periodicos.udesc.br/download). Acesso em: 12 abr. 2018.

FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, Guarapuava – PR – 28 a 30 de Abril de 2011.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. São Paulo: Braziliense, 1999.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

GITAHY, Celso. **Exposição “em Transito – A Stencil Art de Celso Gitahy”**. Espaço do centro cultural – FIESP, São Paulo, 24 de ago. de 2017.

LEÃO, M. A. S. O Negro no mercado de trabalho pela cultura Hip Hop. Faculdade Diadema/SP. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, Caxambu/MG – Brasil, 18 à 22 de Setembro de 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_371.pdf> Acesso em: 24 out. 2017.

SCHULTZ, V. **Intervenções urbanas, arte e escola**: experimentações e afectos no meio urbano e escolar. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Cachoeira, BA. 2010.

SOUZA, T. R. S.; MELLO, L. A. O folk virou cult: o grafite como veículo de comunicação. **Revista ALTERJOR**, Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 02– Volume 02 Edição 04 – Julho-Dezembro de 2011.